

RUY FABIANO

Ponto de Vista

CORREIO BRAZILIENSE

A volta de ACM

O governador Antonio Carlos Magalhães — que ao lado de Geraldo Bulhões, de Alagoas, forma a dupla solitária de governadores hostis ao Governo Federal — decidiu abreviar sua trégua a Itamar Franco e bombardeá-lo menos de um mês após a posse efetiva. ACM diverge dessa cronologia e afirma que jamais houve interinidade, já que todos sempre souberam que Collor não retornaria ao poder. E o primeiro a sabê-lo, diz ele, foi o próprio Itamar. De fato.

Tanto assim que, apesar do rótulo de interino, não hesitou em demitir de uma só penada todo o Ministério de seu antecessor, inclusive os militares, extinguindo de quebra algumas pastas e recriando outras. Um interino não ousaria tanto. Portanto, na contabilidade de ACM, já se passaram os três meses de trégua que habitualmente são concedidos aos recém-empossados.

Nesse período, o governador da Bahia constata que a corrupção não cessou, embora não cite um caso específico. Menciona apenas repasses de verbas a prefeitos em fim de mandato — mas não cita que prefeituras são essas —, por parte do Ministério do Bem-Estar Social. Curiosamente, o titular do Ministério acusado é adversário de ACM na Bahia, o deputado Jutahy Júnior. Nada menos sutil. Concretamente, o que há é simples: o governador da Bahia, candidato à Presidência da República, tenta, dentro de seu estilo agressivo e impetuoso, recuperar parte do terreno político perdido no último ano.

De uma só tacada, ACM perdeu a guerra do impeachment, em que apoiou Collor até o fim, e a eleição para a prefeitura de Salvador, que é agora governada por uma arquiinimiga sua, Lídice da Mata, do PSDB. Perdeu também o controle

nacional do PFL, partido cujo presidente, o senador Hugo Napoleão, acabou ministro das Comunicações de Itamar. No plano regional, outro revés: a ascensão ao primeiro escalão do Governo Federal do deputado Jutahy Júnior, filho de um velho e poderoso inimigo seu, o senador Jutahy Magalhães. Como se não bastasse, acaba de ascender ao primeiro plano da política nacional, disputando votos na faixa conservadora onde se situa ACM, um de seus maiores desafetos: o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. Diz-se que ACM tenta aproximar-se dele sem êxito, pelo menos até aqui.

Ninguém, apesar de todos esses pesares, ousa dizer que ACM está politicamente liquidado, já que mesmo seus inimigos mais ferrenhos reconhecem seu talento e disposição de luta. Mas não há como negar que vive presentemente a situação mais adversa de sua carreira política, cuja maior proeza parece ter sido a de sempre manter-se na situação no plano federal. De fato. Após apoiar todos os governos militares pós-64 — no curso dos quais foi prefeito de Salvador e governou duas vezes a Bahia por via indireta —, ACM conseguiu integrar como ministro o primeiro governo civil, nomeado por Tancredo Neves e preservado até o fim por Sarney. No governo seguinte, de Collor, que se instalou arrasando o de Sarney, ACM tornou-se em pouco tempo aliado e avalista político.

Só não contava com o impeachment de Collor. Com ele, amargou contundente derrota, da qual ainda não se refez. E é em meio a esse contexto adverso — e apostando claramente no fracasso de Itamar — que ACM joga todas as fichas de seu cacifê político. A crise, óbvio, é sua aliada. Daí ninguém subestimá-lo.